

SERINGUEIRA

BOAS PRÁTICAS PARA O EXTRATIVISMO SUSTENTÁVEL ORGÂNICO



Caderno do extrativista

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Presidente: Michel Temer

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE

Ministro: José Sarney Filho

SECRETARIA-EXECUTIVA

Secretário: Marcelo Cruz

SECRETARIA DE EXTRATIVISMO E DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL

Secretária: Juliana Ferreira Simões

SERINGUEIRA

Boas práticas para o extrativismo sustentável orgânico

Caderno do extrativista

Brasília/DF
2017

COORDENAÇÃO GERAL

DEPARTAMENTO DE EXTRATIVISMO

Diretor: Mauro Oliveira Pires

COORDENAÇÃO GERAL DE AGROEXTRATIVISMO

Coordenador Geral de Agroextrativismo: Pedro Bruzzi Lion

EQUIPE TÉCNICA

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (MMA)/ SECRETARIA DE BIODIVERSIDADE (SBIO) E SECRETARIA DE EXTRATIVISMO E DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL (SEDR)

Camila Neves Soares Oliveira (SBio)
Gabriel de Mendonça Domingues (SEDR)
Luis Antonio Valois Morais (SEDR)
Mariana Roberta da Silva (SEDR)
Renata Corrêa Apoloni (SEDR)
Tiago Rusin (SEDR)

SERVIÇO FLORESTAL BRASILEIRO/DIRETORIA DE FOMENTO E INCLUSÃO FLORESTAL (SFB/DFI)

Flávia Regina Rico Torres

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO (MAPA)

SECRETARIA DE MOBILIDADE SOCIAL, DO PRODUTOR RURAL E DO COOPERATIVISMO DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO DAS CADEIAS PRODUTIVAS E DA PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL COORDENAÇÃO GERAL DE PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL COORDENAÇÃO DE AGROECOLOGIA E PRODUÇÃO ORGÂNICA

Jorge Ricardo de Almeida Gonçalves
Laila Simaan
Virgínia Mendes Cipriano Lira

COORDENAÇÃO TÉCNICA

Rocio Chacchi Ruiz

PRODUÇÃO EDITORIAL

Vitrine Comunicação

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO | REC Design

Clarice Soter
Eneida Déchery
Renata Figueiredo

ILUSTRAÇÃO

Victor Tufani
Érica Rodrigues (assistente)

REVISÃO E APOIO TÉCNICO

Ana Paula Diniz Nakamura
Etelvino Rocha Araújo
Fábio Wesley de Melo
Flávia Regina Rico Torres
Peter Wimmer
Rocío Chacchi Ruiz

AGRADECIMENTOS

Às instituições e aos profissionais que compartilharam seus conhecimentos e cederam conteúdos para o enriquecimento deste Caderno Extrativista.

Dados Internacionais para Catalogação na Publicação - CIP

B823s Brasil. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Extrativismo e Desenvolvimento Rural Sustentável. Departamento de Extrativismo.

Seringueira: boas práticas para o extrativismo sustentável orgânico / Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Extrativismo e Desenvolvimento Rural Sustentável. Departamento de Extrativismo. – Brasília, DF: MMA, 2017.

76 p. : il. color.
Caderno do extrativista

Bibliografia: p. 74-76
ISBN: 978-85-7738-324-5

1. Extrativismo. 2. Desenvolvimento Rural Sustentável. 3. Manejo florestal.
4. Agroecologia. 5. Seringueira. 6. Extensão rural. I. Título.

CDU: 630.28

Ministério do Meio Ambiente
Biblioteca

Sumário

Apresentação	7
Orientações para uso deste Caderno	8
A seringueira (<i>Hevea brasiliensis</i>)	10
Ocorrência	11
Ecologia	12
Floração e polinização	12
Frutificação e dispersão	12
Principais produtos e usos	13
Cadeia produtiva de produtos florestais não madeireiros	14
Dicas para organizar uma reunião de planejamento	16
Políticas públicas e legislação para o manejo da seringueira	17
Como regularizar sua produção orgânica	20
Projeto Extrativista Sustentável	24
1. Identificação do(a) produtor(a) extrativista	26
2. Identificação da unidade produtiva	28
3. Localização da unidade produtiva	30

Apresentação

Olá!

Este Caderno foi feito para você que trabalha no manejo extrativista da seringueira.

Você sabia que é possível melhorar a sua produção extrativista e, com isso, trazer mais benefícios para sua família e comunidade? Então, neste Caderno você encontra informações sobre a seringueira e as boas práticas de seu manejo, as quais ajudarão você a planejar e a organizar as várias etapas da sua atividade na forma de um **Projeto Extrativista Sustentável**.

Ao elaborar seu **Projeto Extrativista Sustentável**, você poderá melhorar sua produção e aumentar sua renda, mas, principalmente, fortalecer as práticas extrativistas da sua comunidade de maneira segura, sem o uso de agrotóxicos ou outras práticas que prejudiquem a sua saúde, a saúde de quem consome seus produtos e o meio ambiente em que você vive.

Organizado pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA), pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) e por outros parceiros do Governo Federal, este Caderno oferece a você um passo a passo para organizar as diversas etapas de sua atividade: antes da coleta (pré-coleta), durante a coleta e depois da coleta (pós-coleta), incluindo os cuidados com as plantas e as áreas em que você faz o manejo, buscando garantir a continuidade da espécie e das atividades extrativistas. Vamos juntos, nas próximas páginas, entender mais sobre como selecionar e coletar da melhor forma as plantas – suas sementes, suas folhas, seus frutos e outras partes que você, em seu dia a dia, coleta e vende –, sem esquecer o cuidado com a manutenção saudável das espécies.

As boas práticas também trazem dicas importantes sobre cuidados com a segurança e higiene no manejo, para você aplicar no seu dia a dia e orientar as pessoas com quem trabalha.

Seguindo as orientações deste Caderno, você pode, ainda, buscar o reconhecimento dos seus produtos como orgânicos, o que assegura para os compradores a melhor qualidade da sua produção e pode aumentar o valor de venda de seus produtos.

Bom trabalho e mãos na massa.

4. Pré-coleta: Reconhecimento geral da área de manejo	32
A) Mapa da área de manejo	34
B) Caracterização geral da área de manejo	36
C) Levantamento do potencial produtivo	38
D) Estimativa da produção	40
5. Planejamento da coleta	44
A) Plano de coleta	46
B) Orientações técnicas e cuidados na sangria da seringueira	48
C) Tipos de sangria e preparo da seringueira para a coleta do látex	50
6. Pós-coleta	54
A) Pré-beneficiamento de látex da seringueira	56
B) Produção, transporte e armazenamento dos três tipos de látex: líquido, CVP e FDL	58
7. Cuidados com a produção	62
A) Conservação das áreas de manejo da seringueira	64
B) Monitoramento da produção	66
8. Mapa atualizado da área de manejo	70
Referências	74

A SERINGUEIRA

(*Hevea brasiliensis*)



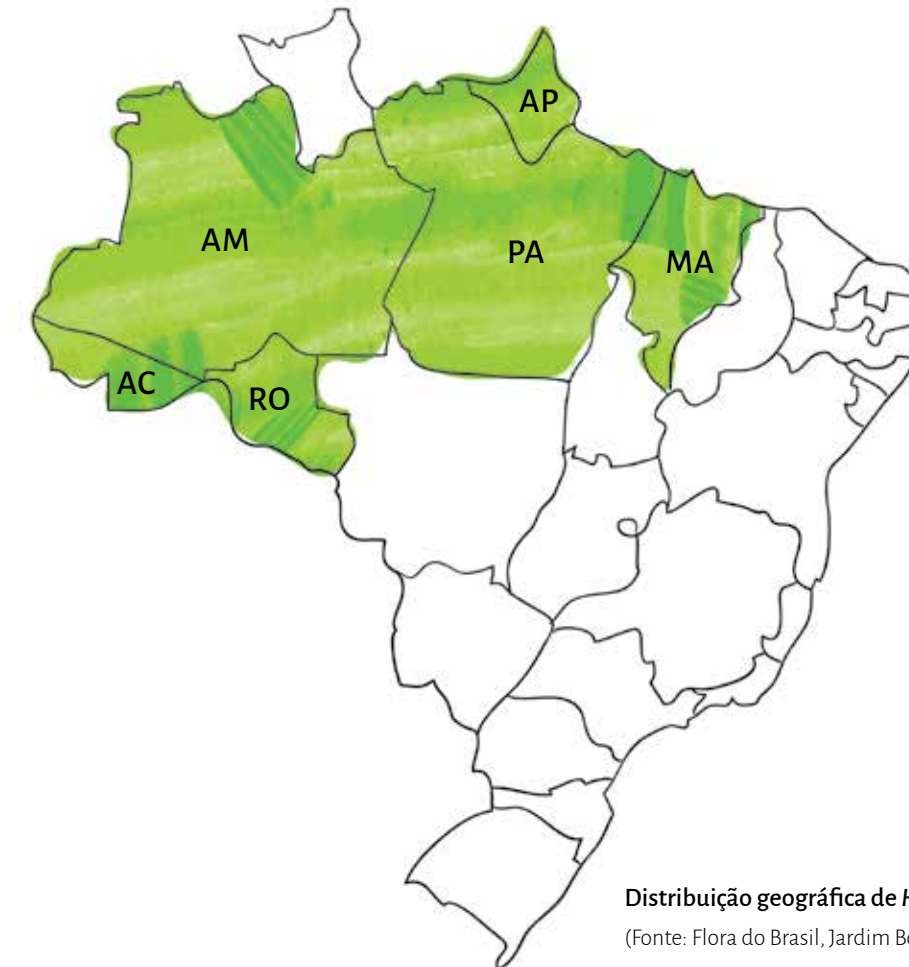
Família botânica: Euphorbiaceae

Nome científico: *Hevea brasiliensis*

Nomes populares: seringueira, árvore-da-borracha, seringa, seringa verdadeira, seringueira-preta, seringueira-branca, seringueira-rosada e seringueira-legítima.

OCORRÊNCIA

Hevea brasiliensis ocorre naturalmente no Acre, no Amapá, no Amazonas, no Pará, em Rondônia e no Maranhão, onde predomina o extrativismo de látex natural. Em outras regiões, pratica-se o cultivo da espécie, abrangendo Bahia, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Pará, Pernambuco, Paraná, Rondônia e São Paulo.



Distribuição geográfica de *Hevea brasiliensis*

(Fonte: Flora do Brasil, Jardim Botânico do Rio de Janeiro)

ECOLOGIA

A seringueira tem preferência por solos argilosos e férteis e se adapta bem tanto em condições de bastante luminosidade quanto na sombra. Desenvolve-se bem tanto em terra firme como nas várzeas, às margens de rios e lagos, e em outros lugares inundáveis. A árvore da seringueira pode atingir 40 metros de altura e seu tronco, 30 e 60 cm de diâmetro. Por volta de seis a sete anos, sua casca começa a produzir látex. Conservada em condições favoráveis e com uso de boas práticas de manejo, a seringueira pode se manter produtiva economicamente por 20 a 30 anos de vida.

FLORAÇÃO E POLINIZAÇÃO

Em regiões da Amazônia nas quais os períodos secos são menos rígidos, a queda de folhas e o florescimento de *Hevea brasiliensis* são irregulares. As flores são pequenas e amarelas, reunidas em cachos curtos. Pequenos insetos da família Ceratopogonidae, como maruins, mosquitinhos-pólvora e mosquitinhos-de-mangue, e os tripes (*Thysanoptera*) são polinizadores naturais das flores da seringueira.



FRUTIFICAÇÃO E DISPERSÃO

A seringueira frutifica de novembro a fevereiro. A produção de sementes, de formas bastante variadas, tem início por volta dos quatro anos. O fruto da seringueira é uma cápsula grande, que geralmente apresenta três sementes ovais, na maioria grandes, pesando, em média, de 3,5 a 6 gramas. Devido à leveza, as sementes de *Hevea brasiliensis* são dispersadas naturalmente pela ação do vento.



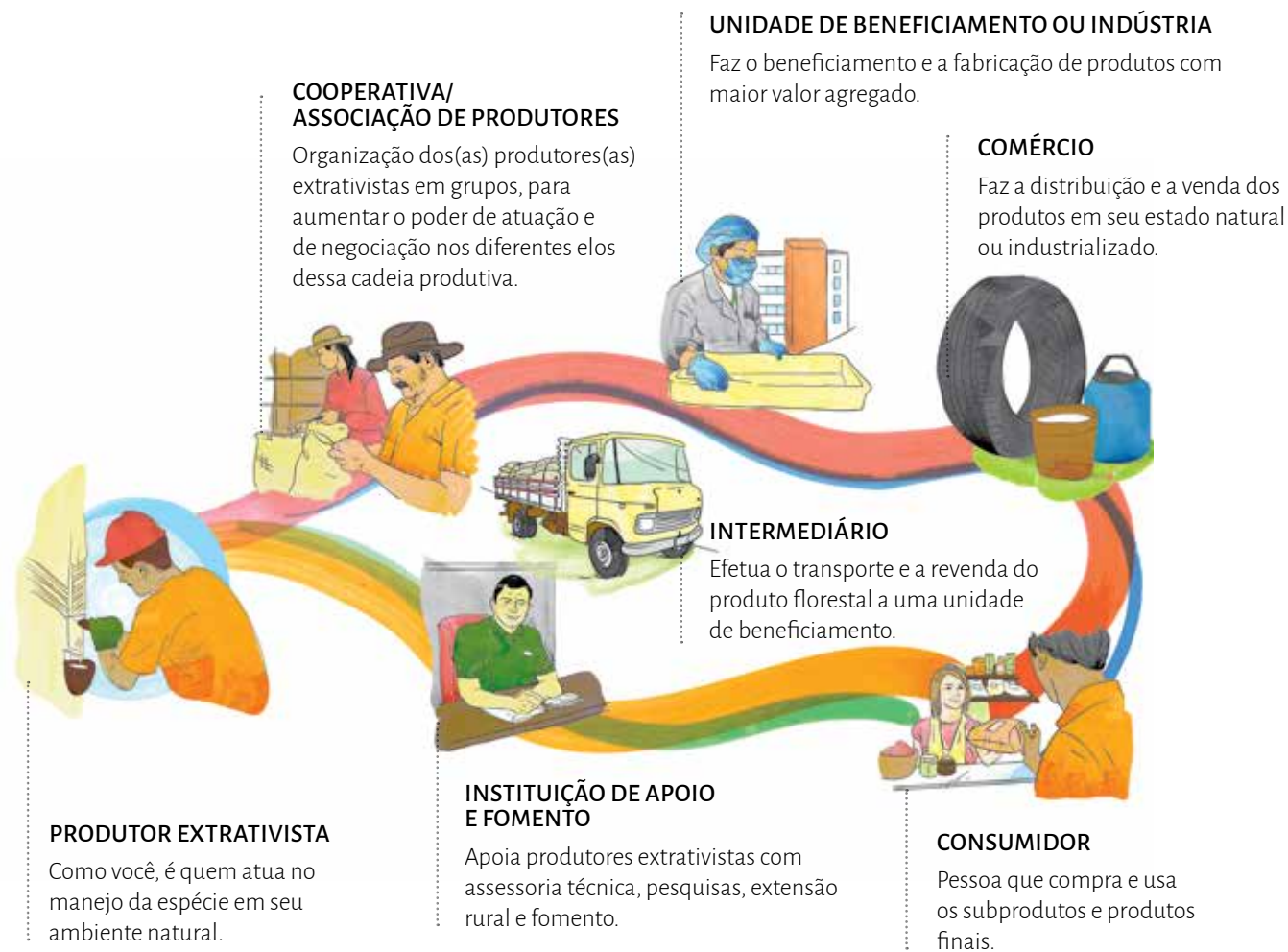
PRINCIPAIS PRODUTOS E USOS

Os principais produtos da seringueira são a semente e o látex extraído do tronco. A semente da seringueira contém uma quantidade média de 43% de óleo de boa qualidade industrial, grosso, de cheiro parecido com o de linhaça, considerado secativo, próprio para a fabricação de tintas e vernizes. Já o tronco da seringueira guarda o bem mais precioso da espécie. É dele que se extrai o látex, que, principalmente por processos químico-industriais, se transforma no produto altamente comercial denominado borracha. Esta matéria-prima é largamente utilizada na produção de pneus, produtos para uso médico e paramédico, adesivos, calçados, confecção de preservativos, luvas e drenos cirúrgicos, produtos bélicos etc. A borracha natural do látex é apontada como estratégica para a industrialização de mais de 50 mil artigos em todo o mundo. O látex colhido em seringais nativos na Amazônia apresenta, segundo pesquisas científicas, melhores características físico-químicas, como elasticidade, viscosidade, isolamento elétrico, resistência ao desgaste e impermeabilidade a líquidos e gases, que o látex de seringais cultivados ou a borracha química. Tudo isso possibilita produzir preservativos mais elásticos, viscosos e resistentes. Devido à baixa densidade e melhor aderência, esse látex vem sendo aproveitado também na fabricação de tecido emborrachado, conhecido como “couro” vegetal e ecológico.



CADEIA PRODUTIVA DE PRODUTOS FLORESTAIS NÃO MADEIREIROS

Para melhorar a sua produção extrativista sustentável, é importante você conhecer a cadeia de atores e as relações entre eles, desde a coleta até a chegada do produto ao consumidor. Veja um modelo geral, que varia conforme a região e o produto.



Nem sempre é possível a organização da comunidade assumir todos os elos da cadeia produtiva. Mas, conhecê-la bem pode ajudar a pensar as possibilidades para que você possa ter autonomia no manejo e melhor lucro, de acordo com a sua capacidade de produção.

Isso exige bom planejamento da organização da sua comunidade, até mesmo para atender às exigências legais e efetuar pagamentos de impostos e tributos. Em alguns casos, dependendo do produto, os processos da cadeia produtiva são complexos, trazendo mais desafios para as etapas de beneficiamento, transporte e armazenamento.

CADEIA PRODUTIVA DE PRODUTOS FLORESTAIS NÃO MADEIREIROS

É um sistema formado de diferentes atores que se relacionam e por uma sequência de processos de educação, pesquisa, manejo, produção, beneficiamento, distribuição, comercialização e consumo de produtos e serviços.

CADEIAS PRODUTIVAS DA SOCIOBIODIVERSIDADE

Sistemas que integram manejo, produção, beneficiamento, distribuição, comercialização e consumo de produtos da sociobiodiversidade que buscam o fortalecimento da identidade cultural, incorporam valores e saberes locais e asseguram o direito e a distribuição justa dos seus benefícios.

Quando você conhece melhor a cadeia produtiva de seu produto, você pode enxergar soluções para melhorar a sua produção, como buscar ou fortalecer parcerias com outros(as) produtores(as) por meio de associações e de cooperativas, da sua região e também de outros Povos e Comunidades Tradicionais (PCTs). Isso também pode ajudar você a enxergar melhor os problemas e as soluções.

PRODUTOS DA SOCIOBIODIVERSIDADE

Bens e serviços (produtos finais, matérias primas ou benefícios) gerados a partir de recursos da biodiversidade, voltados à formação de cadeias produtivas de interesse dos povos e comunidades tradicionais e de agricultores familiares.

Os produtos da sociobiodiversidade devem:

- promover a manutenção e valorização das práticas e dos saberes locais;
- gerar renda e promover a melhoria de sua qualidade de vida e do ambiente em que vivem os produtores.

É BOM SABER

No Brasil, existe uma grande diversidade de Povos e Comunidades Tradicionais (PCTs), como indígenas, quilombolas, seringueiros, castanheiros, quebradeiras de coco-de-babaçu, comunidades de fundo de pasto, faxinalenses, pescadores artesanais, marisqueiras, ribeirinhos, varjeiros, caiçaras, praieiros, sertanejos, jangadeiros, ciganos, açorianos, campeiros, vazanteiros, pantaneiros, geraizeiros, veredeiros, caatingueiros e retireiros do Araguaia, entre outros.

Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais

Criada pelo Decreto nº 6.040/2007, tem como objetivo promover o desenvolvimento sustentável dos povos e comunidades tradicionais, priorizando o reconhecimento, o fortalecimento e a garantia dos seus direitos territoriais, sociais, ambientais, econômicos e culturais, com respeito e valorização à sua identidade, às suas formas de organização e às suas instituições.

Conselho Nacional de Povos e Comunidades Tradicionais

Criado pelo Decreto no 8.750/2016 e composto de representantes de povos e comunidades tradicionais e de órgãos públicos, visa promover o seu desenvolvimento sustentável e garantir os seus direitos.

DICAS PARA ORGANIZAR UMA REUNIÃO DE PLANEJAMENTO

Para você, sua família e as pessoas da sua comunidade se organizarem em grupos, é importante planejar com antecedência uma reunião ou um encontro com todos os interessados.

Além de convidar as pessoas a participar e manter todo mundo informado, é preciso planejar algumas coisas importantes para o sucesso da reunião.

PAUTA DA REUNIÃO

A pauta trata dos assuntos que serão debatidos durante a reunião. No início da reunião, ela deve ser apresentada para todos os presentes. É importante reservar tempo para que os presentes sugiram outros assuntos que julgarem necessários discutir na reunião.

DURAÇÃO

É importante que todos saibam, desde o início, o tempo de duração do encontro. A hora do final da reunião pode ser definido em comum acordo com os participantes.

INTERVALO

Toda reunião precisa de um intervalo. É o momento em que as pessoas podem conversar, se conhecer melhor, esclarecer dúvidas etc. A duração do intervalo pode variar de acordo com o tempo total do encontro. Se for um encontro de quatro horas, é bom que haja um intervalo de, pelo menos, 15 minutos. Se for um encontro de duração menor, o intervalo também deverá ser menor.

ATIVIDADES EM GRUPO

Uma reunião precisa mobilizar e integrar os participantes. Algumas atividades podem ser utilizadas para promover isso entre o grupo. No início da reunião, cada um pode dizer seu nome e o que espera da reunião, por exemplo. Os participantes podem também fazer atividades depois do intervalo e/ou ao fim da reunião. Após o intervalo, podem debater um assunto de interesse de todos e, no final, cada um pode fazer uma avaliação da reunião e se ela atendeu à expectativa citada no início da reunião.

REGISTRO DA REUNIÃO

É fundamental que um ou mais participantes anotem a data, o que foi discutido e quem participou da reunião. Esse registro é a memória do encontro que pode ser consultado por todos, quando necessário.



POLÍTICAS PÚBLICAS E LEGISLAÇÃO PARA O MANEJO DA SERINGUEIRA

As políticas públicas e as leis podem oferecer uma série de possibilidades e oportunidades de apoio para o extrativismo sustentável, beneficiando você e toda a cadeia produtiva do manejo de látex da seringueira. Algumas leis também indicam restrições importantes de se conhecer sobre o manejo e a conservação das espécies.

Procure se informar e se atualizar com frequência sobre essas políticas públicas e leis, especialmente as que são sobre a espécie que você trabalha, tanto federais como as do seu estado.

A seguir, citamos algumas políticas públicas para o manejo da seringueira:

Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (Pnapo)

A Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (Decreto nº 7.794/2012) tem como objetivo estimular e apoiar a produção orgânica e de base agroecológica para promover o desenvolvimento sustentável e a qualidade de vida da população, por meio do uso sustentável dos recursos naturais e da oferta e consumo de alimentos saudáveis.

Política de Garantia de Preços Mínimos para Produtos da Sociobiodiversidade (PGPM-Bio)

A Política de Garantia de Preços Mínimos para Produtos da Sociobiodiversidade (Lei nº 11.775/2008), por meio de subvenção direta, vem garantindo um preço mínimo de venda para produtos da sociobiodiversidade, com objetivos de reduzir variações na renda dos extrativistas e apoiar a valorização de seus produtos.

Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec)

O Pronatec (Lei nº 12.513, de 26 de outubro de 2011) tem como objetivo ampliar a oferta de educação profissional e tecnológica, por meio de programas, projetos e ações de assistência técnica e financeira.

Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf)

O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Decreto nº 3.991/2001) tem como objetivo promover o desenvolvimento sustentável de atividades agrícolas e não agrícolas desenvolvidas por agricultores familiares, por meio de linhas de créditos, capacitação técnica etc.

Plano Nacional de Fortalecimento das Comunidades Extrativistas e Ribeirinhas (Planafe)

O Plano Nacional de Fortalecimento das Comunidades Extrativistas e Ribeirinhas (Portaria Interministerial MMA, MDA e MDS nº 380/2015) tem como objetivos adequar, articular, integrar e propor ações de acesso às políticas de saúde, educação, infraestrutura social, fomento à produção sustentável, geração de renda e gestão ambiental e territorial das áreas de uso e ocupação tradicional.

Programa de Apoio à Conservação Ambiental – Bolsa Verde

O Programa de Apoio à Conservação Ambiental – Bolsa Verde (Lei nº 12.512/2011 e Decreto nº 7.572/2011) tem como objetivos incentivar a conservação dos ecossistemas; e promover a cidadania, a melhoria das condições de vida e a elevação da renda da população em situação de extrema pobreza que exerça atividades de conservação dos recursos naturais.

Lei sobre Agricultura Orgânica

Esta Lei nº 10.831/2003 define as normas técnicas para a produção orgânica e sua estrutura de gestão no âmbito da União, dos estados e do Distrito Federal.

Lei sobre Patrimônio Genético e Conhecimento Tradicional Associado

Esta Lei nº 13.123/2015 (Decreto nº 8.772/2016) trata do acesso ao patrimônio genético, sobre a proteção e o acesso ao conhecimento tradicional associado e sobre a repartição de benefícios para conservação e uso sustentável da biodiversidade.

Lei de Crimes Ambientais

Esta Lei nº 9.605/1998) estabelece penas criminais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente.

Código Florestal

Esta Lei nº 12.651/2012, alterada pela Lei nº 12.727/2012) estabelece normas gerais sobre a proteção da vegetação, áreas de Preservação Permanente e as áreas de Reserva Legal; a exploração florestal, o suprimento de matéria-prima florestal, o controle da origem dos produtos florestais e o controle e a prevenção dos incêndios florestais, e prevê instrumentos econômicos e financeiros para o alcance de seus objetivos.

Programa Federal de Manejo Florestal Comunitário e Familiar (PMCF)

Este Programa (Decreto nº 6.874/2009) tem como objetivo organizar ações de gestão e fomento para o manejo sustentável em florestas que sejam utilizadas pelos agricultores familiares, assentados da reforma agrária e povos e comunidades tradicionais.

Programa Nacional de Florestas (PNF)

Este Programa (Decreto nº 3.420/2000) tem como objetivos estimular o uso sustentável de florestas nativas e plantadas; apoiar as iniciativas econômicas e sociais das populações que vivem em florestas; e promover o uso sustentável de florestas de produção, sejam nacionais, estaduais, distritais ou municipais.

As leis específicas sobre cada espécie são muito importantes para quem trabalha com a atividade extrativista. Procure se atualizar sobre outras leis federais e estaduais sobre a seringueira.

No âmbito estadual, a seringueira é beneficiada por algumas leis, tais como:

Decreto Estadual nº 25.275 /2005 (Amazonas)

Este decreto isenta do ICMS as operações internas de produtos nativos de origem vegetal, dentre eles o látex da seringueira.

Lei Estadual do Amazonas nº 2.611/2000

Esta lei concede a subvenção econômica aos produtores extrativistas, regulamentada pelo Decreto no 23.636/2003, que regulamenta o valor do subsídio, e pelo Decreto no 31.341/2011, que estabelece o valor de reajuste do subsídio.

Lei Estadual do Acre nº 1.117/1994s

Esta lei proíbe o abate da seringueira, bem como da castanheira, e os desmatamentos em áreas de ocorrência natural de maciços das espécies mencionadas.

Lei Estadual do Amazonas nº 1.532/1982

Esta lei proíbe a danificação ou a derrubada de seringueiras em todo o estado, exceto nas áreas destinadas pelos setores competentes da Administração Pública à construção de obras e a serviços de relevante significação socioeconômica.

COMO REGULARIZAR SUA PRODUÇÃO ORGÂNICA



MAS AFINAL,
O QUE É PRODUTO
ORGÂNICO?

Pela legislação brasileira, produto orgânico, seja ele *in natura* ou processado, é aquele obtido em um **sistema orgânico de produção agropecuária** ou oriundo de processo extrativista sustentável que não prejudica o **ecossistema** local.

COMO FAÇO
PARA
REGULARIZAR
A MINHA
PRODUÇÃO COMO
ORGÂNICA?

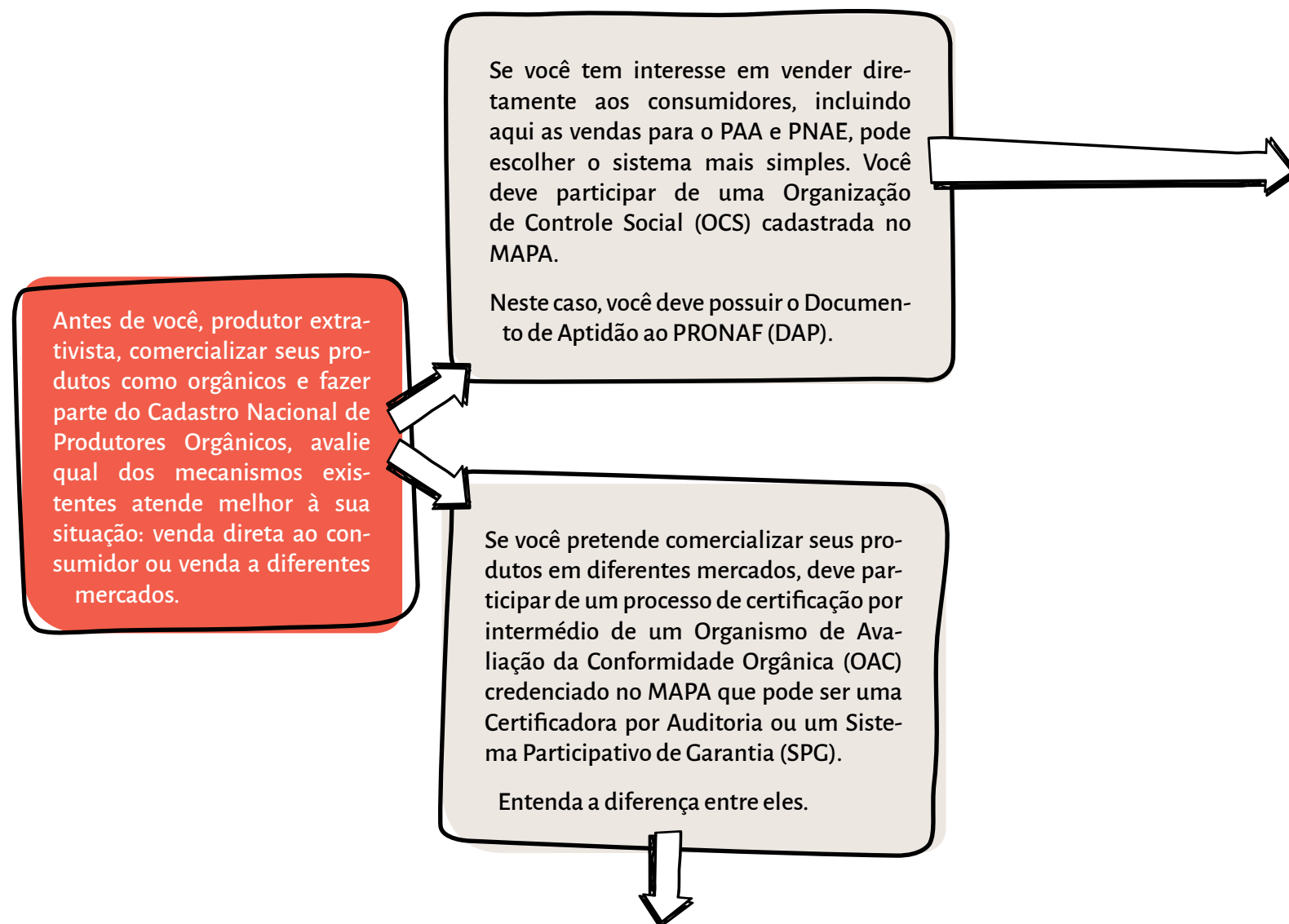
Para serem comercializados, os produtos orgânicos deverão ser certificados por organismos (organizações ou auditorias) credenciados no MAPA. Estão dispensados da certificação somente aqueles produzidos por agricultores familiares que fazem parte de organizações de controle social cadastradas também no MAPA. Essa produção orgânica familiar deve ser comercializada exclusivamente em venda direta aos consumidores.

► Sistema orgânico de produção agropecuária

Adota técnicas para otimizar o uso dos recursos naturais e socioeconômicos disponíveis e o respeito à integridade cultural das comunidades rurais. Tem como objetivos: a sustentabilidade econômica e ecológica; aumentar os benefícios sociais; diminuir a dependência de energia não renovável, empregando, métodos culturais, biológicos e mecânicos em vez do uso de materiais sintéticos - como agrotóxicos; eliminar o uso de organismos geneticamente modificados e radiações ionizantes em qualquer fase do processo de produção, processamento, armazenamento, distribuição e comercialização; e proteger o meio ambiente.

► Ecossistema

Sistema que inclui os seres vivos e o ambiente (solo, água e atmosfera) que atuam simultaneamente em uma região.



Certificadoras por Auditoria

São entidades privadas que oferecem o serviço de inspeção a produtores individuais ou grupos, para avaliar e garantir a conformidade da produção orgânica sob sua responsabilidade.

Sistema Participativo de Garantia

É composto de grupos de produtores e colaboradores (consumidores, técnicos, representantes de organizações públicas e privadas etc.) que fazem a inspeção para garantir a qualidade orgânica do manejo familiar. Eles são certificados por um Organismo Participativo de Avaliação da Qualidade Orgânica credenciado pelo MAPA.

Organização de Controle Social

É um grupo, associação, cooperativa ou consórcio de produtores familiares cadastrados na Superintendência Federal de Agricultura dos estados ou do Distrito Federal, com o objetivo de possibilitar a comercialização de produtos orgânicos diretamente com o consumidor ou compras governamentais por meio de políticas públicas específicas – PNAE e PAA – sem certificação. Neste caso, o produtor tem de ter a Declaração de Cadastro para a comercialização do seu produto.

Consulte uma Certificadora ou uma das entidades do Sistema Participativo de Garantia mais próxima da sua comunidade, na listagem disponível no portal do MAPA: (<http://www.agricultura.gov.br>)

Após a certificação, você recebe o Selo Orgânico e seu nome é incluído na listagem do Cadastro Nacional dos Produtores Orgânicos.

Lembre-se de que a cada ano você deve atualizar seus dados no Cadastro Nacional dos Produtores Orgânicos.

Todas as informações você encontra no portal do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento: <http://www.agricultura.gov.br>. Se precisar de ajuda, procure um técnico de extensão rural ou outras pessoas que já tenham vivenciado essa experiência.

PROJETO EXTRATIVISTA SUSTENTÁVEL

A grey clipboard with a green clip at the top. It holds a white form with five horizontal lines for text entry. The labels for the lines are: 'Nome do(a) extrativista:', 'Safrano/ano:', 'Nome da área de manejo/coleta:', 'Município:', and 'Estado:'. The clipboard is tilted to the right.

1. IDENTIFICAÇÃO DO(A) PRODUTOR(A) EXTRATIVISTA

Data do preenchimento da ficha	30/março/2016
DADOS DO(A) PRODUTOR(A) OU PESSOA JURÍDICA (PJ)	
Nome do(a) extrativista	Jorge dos Santos
Nome da área de manejo/coleta	Seringal Rio Branco
CPF ou CNPJ	222.333.555-09
Nome do(a) responsável legal	Nizomar Mendes Silva
Cadastro DAP (Declaração de Aptidão ao Pronaf)	9999-000 AC
Inscrição CAR (Cadastro Ambiental Rural)	AC-1100299-F899.7684.IF4E.CIF4.DF45.380D.08A1.A3C
Endereço do(a) responsável	Vila Seringal
Município e Estado	Xapuri/Acre
Caixa Postal ou CEP	69930-970
Telefone (DDD + número do telefone)	(69) 3333-5555
Celular (DDD + número do telefone)	(69) 99999-8888
E-mail	nizomar@gmail.com
Roteiro de acesso à área de manejo/coleta: A área de manejo fica a 5 km, de Xapuri. Seguir pela BR 384 e entrar na estrada de terra sentido Seringal Rio Branco, no km 228, à direita do posto fiscal.	

1. IDENTIFICAÇÃO DO(A) PRODUTOR(A) EXTRATIVISTA

Agora, preencha a sua ficha de identificação.

Data do preenchimento da ficha	
DADOS DO(A) PRODUTOR(A) OU PESSOA JURÍDICA (PJ)	
Nome do(a) extrativista	
Nome da área de manejo/coleta	
CPF ou CNPJ	
Nome do(a) responsável legal	
Cadastro DAP (Declaração de Aptidão ao Pronaf)	
Inscrição CAR (Cadastro Ambiental Rural)	
Endereço do(a) responsável	
Município e Estado	
Caixa Postal ou CEP	
Telefone (DDD + número do telefone)	
Celular (DDD + número do telefone)	
E-mail	
Roteiro de acesso à área de manejo/coleta:	

2. IDENTIFICAÇÃO DA UNIDADE PRODUTIVA

1. Qual a situação fundiária da sua área de manejo/coleta?

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Posse | <input type="checkbox"/> Arrendamento |
| <input type="checkbox"/> Concessão de Direito Real de Uso | <input type="checkbox"/> Meeiro |
| <input checked="" type="checkbox"/> Pequena propriedade rural | <input type="checkbox"/> Assentamento rural |
| <input type="checkbox"/> Propriedade titulada de terceiros. Se você marcou esta situação, cite o tipo de acordo que existe entre você, coletor(a) e o(a) proprietário(a) da área de manejo: | <input type="checkbox"/> Outra: _____ |

2. Qual é a sua característica como produtor(a) extrativista?

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Indígena | <input type="checkbox"/> Assentado(a) da reforma agrária |
| <input type="checkbox"/> Quilombola | <input type="checkbox"/> Comunidade ribeirinha |
| <input checked="" type="checkbox"/> Seringueiro(a) | <input type="checkbox"/> Outra: _____ |

3. Sua área de manejo/coleta está localizada em:

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Unidade de Conservação Estadual | Qual? _____ |
| <input type="checkbox"/> Unidade de Conservação Federal | Qual? _____ |
| <input checked="" type="checkbox"/> Área de Concessão Florestal | Qual? <u>Seringal Rio Branco, Xapuri/Acre</u> |
| <input type="checkbox"/> Assentamento rural | Qual? _____ |
| <input type="checkbox"/> Terra indígena | Qual? _____ |
| <input type="checkbox"/> Território quilombola | Qual? _____ |
| <input type="checkbox"/> Outra | Qual? _____ |

4. Qual o tamanho da sua área de manejo/coleta? Descreva as atividades que você pratica na área de coleta/manejo citando outras espécies florestais utilizadas.

São 300 hectares, contendo 3 estradas de seringas e um total de 450 seringueiras, aproximadamente.

2. IDENTIFICAÇÃO DA UNIDADE PRODUTIVA

Agora, preencha a ficha de identificação da sua unidade produtiva. Marque com um "x" uma das opções de cada pergunta e preencha os campos, quando necessário.

1. Qual a situação fundiária da sua área de manejo/coleta?

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Posse | <input type="checkbox"/> Arrendamento |
| <input type="checkbox"/> Concessão de Direito Real de Uso | <input type="checkbox"/> Meeiro |
| <input type="checkbox"/> Pequena propriedade rural | <input type="checkbox"/> Assentamento rural |
| <input type="checkbox"/> Propriedade titulada de terceiros. Se você marcou esta situação, cite o tipo de acordo que existe entre você, coletor(a) e o(a) proprietário(a) da área de manejo: | <input type="checkbox"/> Outra: _____ |

2. Qual é a sua característica como produtor(a) extrativista?

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Indígena | <input type="checkbox"/> Assentado(a) da reforma agrária |
| <input type="checkbox"/> Quilombola | <input type="checkbox"/> Comunidade ribeirinha |
| <input type="checkbox"/> Seringueiro(a) | <input type="checkbox"/> Outra: _____ |

3. Sua área de manejo/coleta está localizada em:

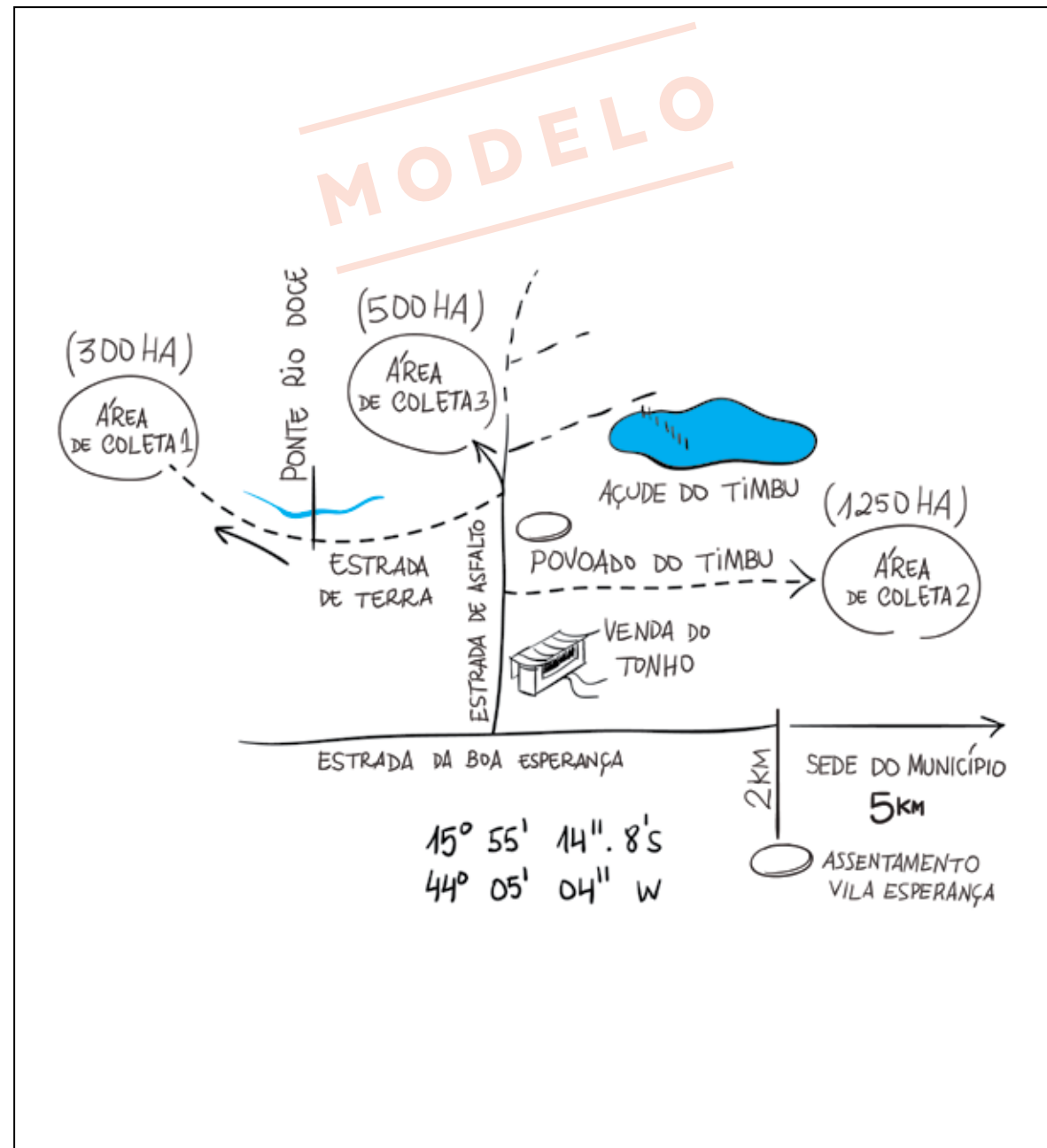
- | | |
|--|-------------|
| <input type="checkbox"/> Unidade de Conservação Estadual | Qual? _____ |
| <input type="checkbox"/> Unidade de Conservação Federal | Qual? _____ |
| <input type="checkbox"/> Área de Concessão Florestal | Qual? _____ |
| <input type="checkbox"/> Assentamento rural | Qual? _____ |
| <input type="checkbox"/> Terra indígena | Qual? _____ |
| <input type="checkbox"/> Território quilombola | Qual? _____ |
| <input type="checkbox"/> Outra | Qual? _____ |

4. Qual o tamanho da sua área de manejo/coleta? Descreva as atividades que você pratica na área de coleta/manejo citando outras espécies florestais utilizadas.

3. LOCALIZAÇÃO DA UNIDADE PRODUTIVA

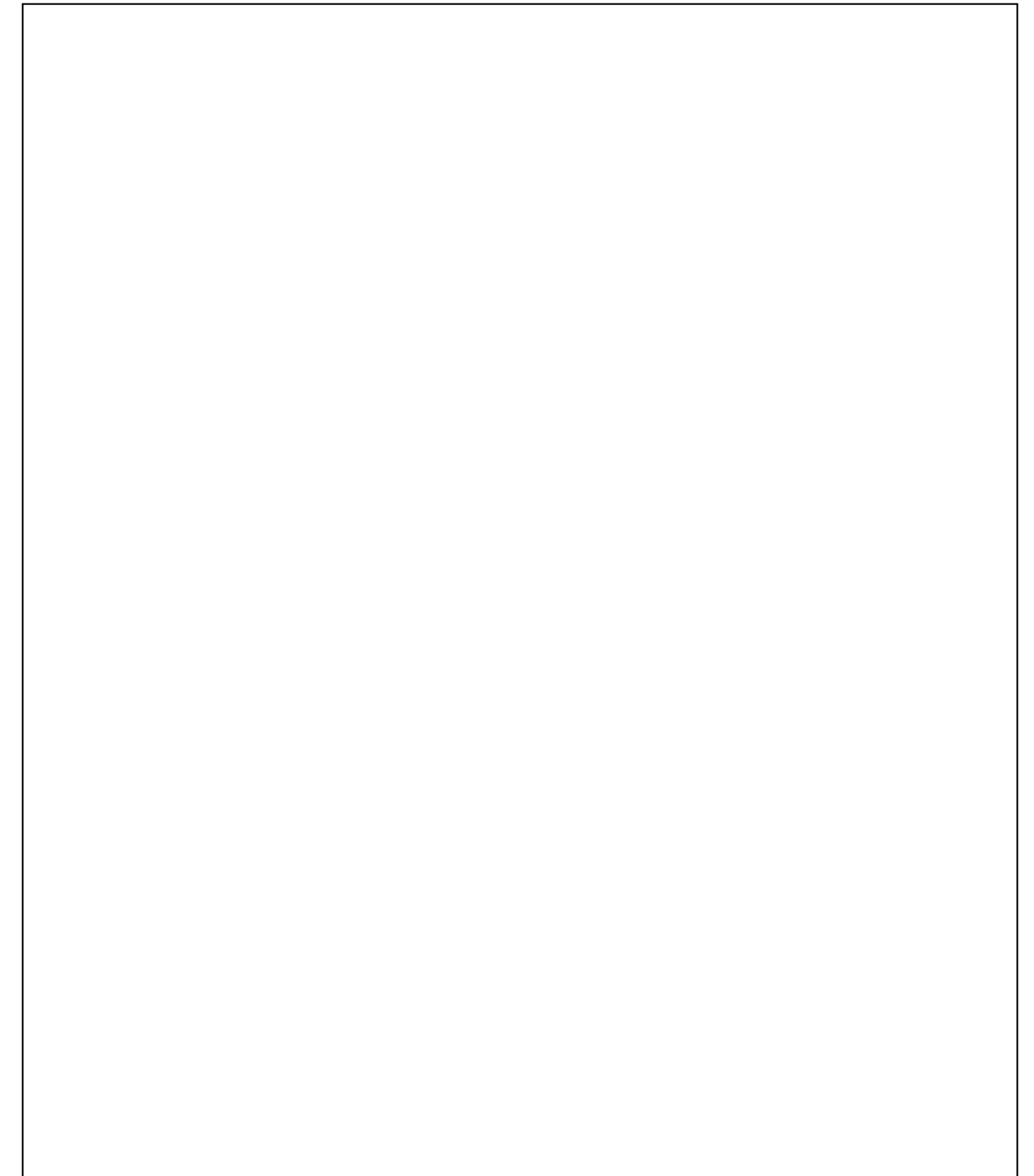
No mapa de localização da unidade produtiva, você desenha os caminhos e as estradas que chegam até ela, bem como caminhos de acesso à área de manejo/coleta. Você pode anotar a distância da sua unidade produtiva em relação à sede do município e a outras comunidades vizinhas.

É importante também indicar no mapa outros pontos de referência próximos à área de manejo, como riachos, rios, lagos, morros, vales e propriedades vizinhas.



3. LOCALIZAÇÃO DA SUA UNIDADE PRODUTIVA

Desenhe a seguir um mapa de localização da sua unidade produtiva. Anote as distâncias, os caminhos e as estradas que chegam até ela e em cada área de manejo/coleta. Marque também os pontos de referências como rios, riachos, lagos, morros, vales e propriedades vizinhas.



4. PRÉ-COLETA: RECONHECIMENTO GERAL DA ÁREA DE MANEJO



A pré-coleta é a etapa inicial do manejo para o extrativismo sustentável, na qual você faz o reconhecimento geral da área de manejo. É quando você, produtor(a) extrativista, conhece e define a sua área de manejo e o potencial para a coleta, e calcula a produção. Para tanto, é importante que você siga as orientações para cada etapa: **mapa da área de manejo, caracterização geral da área de manejo, levantamento do potencial produtivo e estimativa da produção.**

Mapa da área de manejo
Caracterização geral da área de manejo
Levantamento do potencial produtivo
Estimativa da produção

PRÉ-COLETA

PÓS-COLETA

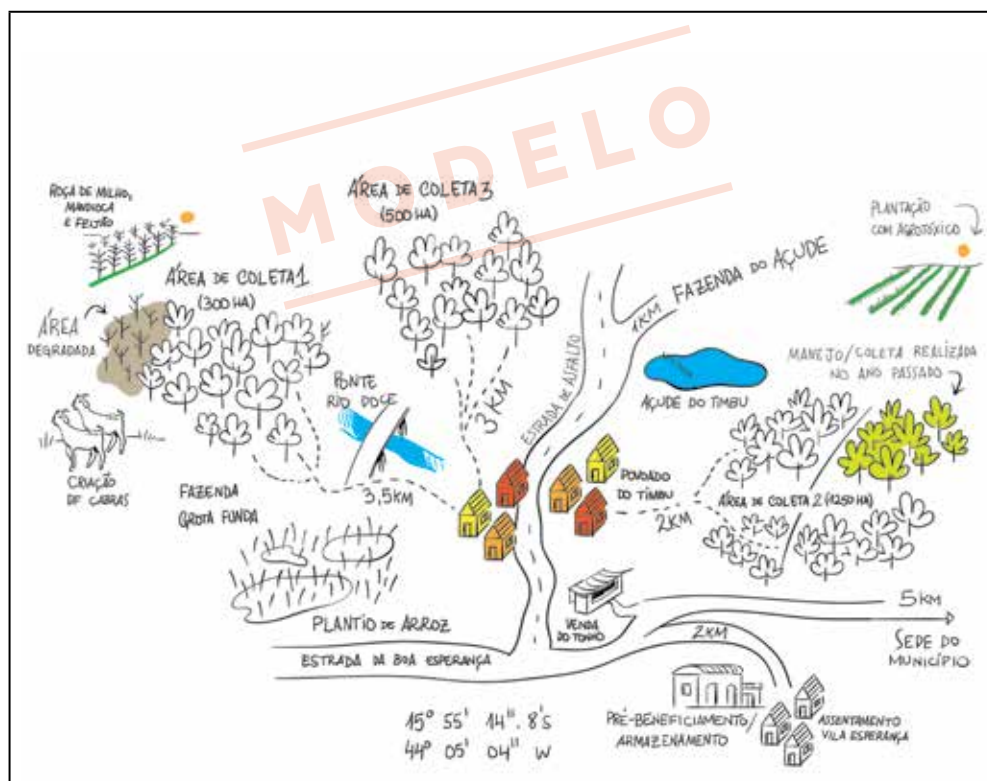
COLETA

CUIDADOS COM A PRODUÇÃO

Atualize o mapa sempre que houver alguma mudança na sua área de manejo.

A) MAPA DA ÁREA DE MANEJO

Nesta fase de **pré-coleta**, desenhe um mapa da área de manejo da seringueira. Mas antes disso, visite a área e converse com sua família e outras pessoas para colher informações sobre ela. Com o mapa feito, você poderá planejar melhor as suas atividades para realizar uma coleta mais produtiva e segura.



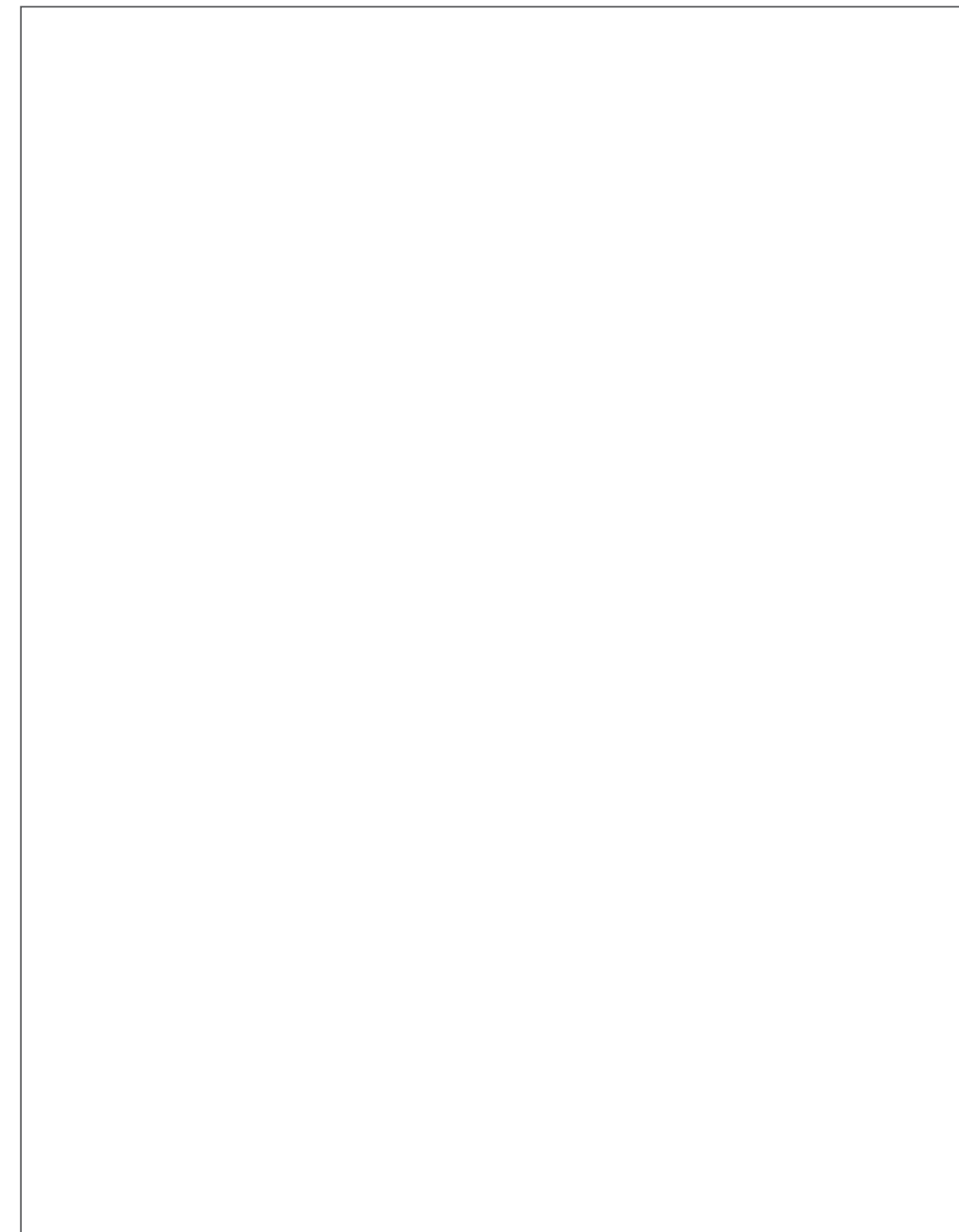
- Registre no mapa todos os pontos de referência, como estradas, rios, trilhas, cursos de água, assentamentos e propriedades vizinhas à sua área de manejo, para ajudar você a identificar mais facilmente as seringueiras.
- Desenhe também as diferentes áreas e caminhos de coleta e acrescente informações importantes sobre a produção que possam ajudar na visualização e no planejamento, como registro de uso de agrotóxicos em áreas vizinhas, áreas de produção de outras espécies, áreas com plantas medicinais e outras de interesse para você e a comunidade, além de pontos de armazenamento e pré-beneficiamento da produção.
- Use, se for possível, um aparelho GPS para coletar as coordenadas geográficas de, pelo menos, um dos pontos de referência.



Use equipamentos de proteção individual (EPIs) para evitar acidentes durante a visita à área de manejo, como botas, capacete, camisa de manga comprida, calça comprida, luvas e facão com bainha. Mantenha sempre à mão um *kit* de primeiros socorros.

A) COMO É O MAPA DA SUA ÁREA DE MANEJO?

Desenhe aqui o mapa da sua área de manejo. Anote os pontos de manejo/coleta, os locais de armazenamento e pré-beneficiamento e outros pontos importantes. Para facilitar o seu planejamento de coleta, você pode marcar as áreas de manejo/coleta em parcelas ou unidades produtivas anuais.



GPS

Aparelho móvel usado para indicar um caminho em direção a um determinado local ou para encontrar uma localização específica no mapa.

Coordenadas geográficas

Linhas imaginárias (medidas em graus, minutos e segundos) que servem para localizar qualquer ponto de referência na superfície da Terra.

B) CARACTERIZAÇÃO GERAL DA ÁREA DE MANEJO

Use uma **ficha de campo** ou outro documento similar para registrar os dados levantados na visita à área ou na conversa com seus familiares e pessoas da comunidade.

É importante ter conhecimento sobre outras atividades que possam interferir na coleta e comercialização do látex, assim como na conservação da área de manejo.

FICHA DE CAMPO

Qual o tamanho da área de manejo/coleta (pode ser estimado)?

Cerca de 300 hectares.

Qual a distância entre a área de manejo/coleta e a sede do município?

A distância é de mais ou menos 5 km

Qual a distância entre a área de manejo/coleta e a sua comunidade (em quilômetros)?

Aproximadamente 3,5 km.

Como é feito o transporte do seu produto?

() Lombo de animais () Carroças () Caçambas () Caminhão (X) Barco () Outro: _____

Quantas pessoas, famílias ou comunidades coletam nessa área?

São 10 famílias.

As áreas vizinhas à área de manejo/coleta são usadas para outras atividades de plantio ou criação de animais? Se a resposta for "sim", quais são essas atividades? Caso as atividades sejam de plantio, são usados agrotóxicos?

Não. Somente mata nativa.

Como está a área de manejo?

(X) Está mais pobre em quantidade de plantas. () As plantas ficaram menos resistentes ao longo do tempo.

() Outra: _____

A área de coleta é individual ou coletiva? Individual Coletiva

Quantas pessoas fazem a coleta?

São cerca de 15 pessoas.

Quantas seringueiras produtivas há na área de coleta?

450 árvores.

Qual a estimativa de produção de látex?

600 kg.

Observações: Alguns vizinhos fazem queimadas nos roçados próximos da área de coleta.

B) QUAIS AS CARACTERÍSTICAS GERAIS DA SUA ÁREA DE MANEJO?

Com a ajuda da sua família e de pessoas da sua comunidade, responda estas questões sobre a área de coleta que você selecionou e mapeou. Complemente com outras informações, se necessário.

FICHA DE CAMPO

Qual o tamanho da área de manejo/coleta (pode ser estimado)?

Qual a distância entre a área de manejo/coleta e a sede do município?

Qual a distância entre a área de manejo/coleta e a sua comunidade (em quilômetros)?

Como é feito o transporte do seu produto?

() Lombo de animais () Carroças () Caçambas () Caminhão (X) Barco () Outro: _____

Quantas pessoas, famílias ou comunidades coletam nessa área?

As áreas vizinhas à área de manejo/coleta são usadas para outras atividades de plantio ou criação de animais? Se a resposta for "sim", quais são essas atividades? Caso as atividades sejam de plantio, são usados agrotóxicos?

Como está a área de manejo?

() Está mais pobre em quantidade de plantas. () As plantas ficaram menos resistentes ao longo do tempo.

() Outra: _____

A área de coleta é individual ou coletiva? Individual Coletiva

Quantas pessoas fazem a coleta?

Quantas seringueiras produtivas há na área de coleta?

Qual a estimativa de produção de látex?

Observações: _____

O potencial produtivo dá ideia da quantidade de látex da seringueira que poderá ser extraído em cada safra, permitindo que se faça a estimativa da produção para toda a área de manejo.

Circunferência à altura do peito (CAP)
Medida do contorno do tronco de árvores, usada para definir o volume de madeira de uma área ou para avaliar o crescimento das árvores.

O ideal é que a coleta de dados do inventário seja feita por uma equipe de, no mínimo, três pessoas: uma para fazer as anotações e duas para localizar, medir e identificar (fixação da placa ou fita numerada) as árvores.

C) LEVANTAMENTO DO POTENCIAL PRODUTIVO

Com o mapa feito e as características registradas, você deve fazer o inventário florestal, que é o primeiro passo para levantar o potencial da produção da safra.

O inventário consiste basicamente em contar e anotar dados das plantas existentes. Pode ser feito em ficha ou folha de campo registrando número de plantas e demais detalhes em relação ao tamanho e estado das plantas de sua área de manejo/coleta. Ele pode ser de toda a área de manejo/coleta, ou apenas da parcela da área em que será feito o manejo/coleta da próxima safra.

FICHA DE INVENTÁRIO FLORESTAL

Nome do(a) anotador(a): Gilmar Santos				Data: 30/abril/2016	
Tamanho da área: 300 ha					
Identificação da área de manejo/coleta: Seringal Rio Branco					
Nº da estrada	Nº total de seringueiras	CLASSIFICAÇÃO DAS SERINGUEIRAS		Produção de látex	Observações
		Produtivas	Não produtivas		
1	20	X		1,5 tigela/árvore	Sem cipós e pragas
2	16	X		1,5 tigela/árvore	Copa sombreada e galhos fracos.
3	22	X		1,5 tigela/árvore	Sem cipós e pragas

- **Selecione seringueiras com circunferência à altura do peito (CAP) acima de 60 cm (cerca de três palmos). A exploração com circunferência menor pode causar danos à seringueira ou até mesmo a morte, além de não ser viável economicamente pela baixa produção.**
- **Anote o estado das copas das seringueiras, observando a existência de pragas (cupim, broca e outros), caroço (nó em excesso) e outros fatores que estejam prejudicando o seu desenvolvimento.**

RECOMENDAÇÕES

- ▶ **Selecione de 100 a 150 seringueiras por estrada, de acordo com a possibilidade de produção da sua área de manejo.**
- ▶ **Contrate um mateiro e dois toqueiros para realizar a abertura de estradas em terra firme no período do inverno, e várzea durante o verão, conservando as espécies nativas e produtivas, como açaí, seringueira, castanha, copaíba e outras.**

C) QUAL O POTENCIAL PRODUTIVO DA SUA ÁREA DE MANEJO?

Nesta fase de pré-coleta, é importante anotar dados e informações sobre toda a área ou apenas da parcela em que será feito o manejo/coleta da próxima safra. Para isso, use esta ficha.

FICHA DE INVENTÁRIO FLORESTAL

Nome do(a) anotador(a):				Data:	
Tamanho da área:					
Identificação da área de manejo/coleta:					
Nº da estrada	Nº total de seringueiras	CLASSIFICAÇÃO DAS SERINGUEIRAS		Produção de látex	Observações
		Produtivas	Não produtivas		

RESULTADO FINAL

Total de seringueiras: _____

Total de árvores produtivas: _____

Total de árvores não produtivas: _____

Total da produção de látex: _____

Total da distância percorrida: _____

Meio de percurso: () Carro () Cavalo () Bicicleta () Outro: _____

Havia queimada ou outra atividade ilegal prejudicando diretamente a sua área de produção? () Não () Sim. Se a resposta for "sim", qual: _____

D) ESTIMATIVA DA PRODUÇÃO

Com dados e informações levantados no inventário florestal e em registros anteriores, se necessário, é possível fazer o levantamento do potencial produtivo, calcular a próxima safra e o quanto poderá ser comercializado. Isso possibilita a você assumir e cumprir compromissos com o mercado consumidor, melhorando, assim, o seu poder de negociação. Além disso, permite que você pense na conservação das áreas de manejo, garantindo a continuidade de sua atividade e da espécie com a qual trabalha.

COMO ESTIMAR?

Exemplo:

1 seringueira = 1 sangria

1 sangria = 7,59 g a 26,12 g de látex

100 seringueiras = 759 g a 2,612 kg de látex

RECOMENDAÇÕES

- ▶ Envolver sua família e a comunidade na elaboração da estimativa da produção.
- ▶ Anotar a produção média por árvore da área levantada.
- ▶ Use uma referência local para medir: unidades, litros, baldes..



D) QUAL A ESTIMATIVA DA SUA PRODUÇÃO?

Que tal agora você, com a ajuda da sua família e comunidade, fazer um estudo sobre a produção da área de manejo/coleta?

A partir dos dados coletados no inventário florestal, é possível saber o potencial produtivo da sua área. Aproveite as informações e calcule a estimativa da safra usando os dados e as informações do levantamento do potencial produtivo já feito por você.

Safra/ano:

Caso você não tenha ideia do quanto produziu na safra passada, converse com diferentes pessoas da comunidade para tentar calcular a produção por planta.

5. PLANEJAMENTO DA COLETA



Antes da safra, é bom planejar onde, quando e quantas vezes coletar. Para isso, você deve seguir as orientações e as recomendações desde a extração do látex até a sua retirada de dentro da área de manejo. Com bom **planejamento de coleta**, você economiza tempo e recursos, define onde e quantas vezes coletar, usa **técnicas e ferramentas** para evitar acidentes, prepara os caminhos e se prepara para fazer a extração sem causar danos às seringueiras.

Plano de coleta

Orientações técnicas e cuidados na sangria de látex da seringueira
Tipos de sangria e preparo da seringueira para a coleta do látex



Não realize a extração de látex na época de troca de folhas e na fase de floração das seringueiras, assim como na estação de frio ou chuva, pois dificulta a operação de sangria, e a água da chuva pode encher as tigelas e derramar o látex.

A quantidade de seringueiras selecionadas para a coleta de látex pode variar, pois depende da produção das seringueiras e da realidade de cada região. No Acre e no Amazonas, esse número é de, aproximadamente, 100 seringueiras; em Rondônia, 150; e no Pará, de 150 a 250.

A) PLANO DE COLETA

O plano de coleta proporciona uma coleta mais produtiva e segura.

No plano de coleta, você deve anotar, no mínimo:

- quantas seringueiras terão coletas e quantas não terão;
- identificação e localização das áreas de coleta;
- calendário de coleta;
- cuidados com a segurança pessoal e orientações gerais.

- **Selecione, em média, 150 seringueiras por estrada.**
- **Utilize o mapa que você elaborou no início para identificar e definir a(s) área(s) de coleta e outras características para ajudar na elaboração do plano de coleta.**
- **Descreva as responsabilidades de cada um para a realização das atividades.**

RECOMENDAÇÕES

- ▶ Abra as estradas em terra firme no período do inverno e as estradas em várzea, durante o verão.
- ▶ Anote no calendário as informações das coletas realizadas em toda a área de manejo para cada safra.
- ▶ Use quantos calendários forem necessários, separando um para cada área de coleta identificada.
- ▶ Refaça o plano de coleta sempre que você considerar necessário, podendo ser a cada seis meses, uma vez por ano ou a cada dois anos.



A) COMO VOCÊ E SUA FAMÍLIA FAZEM O PLANO DE COLETA DE LÁTEX DA SERINGUEIRA?

Troque ideias com as pessoas que ajudam você no manejo e elabore uma ficha de campo a cada safra/ano.

FICHA DE CAMPO

Quais os meses da coleta? Início _____ Término _____

A cada safra, em quantas seringueiras será feita a coleta? _____

Quantas seringueiras serão preservadas, sem coleta? _____

Qual a estimativa de coleta na safra ao longo deste ano? _____

Anote no plano as informações de todas as coletas feitas na safra para uma mesma área: as datas e os resultados das coletas.

PLANO DE COLETA DE LÁTEX DA SERINGUEIRA

Identificação da área de manejo/coleta:				Safra/ano:
Anotador(a):				
Data prevista da coleta	Data 1:	Data 2:	Data 3:	Data 4:
Quantidade de seringueiras em que será feita a coleta do látex				
Quantidade de seringueiras em que NÃO será feita a coleta				
Quantidade de látex coletado (litros)				
Anotações de acontecimentos importantes na época da coleta				

Em diversas regiões, você pode receber gratuitamente kits de sangria em cooperativas, prefeituras e outros órgãos públicos.

B) ORIENTAÇÕES TÉCNICAS E CUIDADOS NA SANGRIA DA SERINGUEIRA

O rendimento e a qualidade da produção do látex da seringueira implicam usar corretamente técnicas e ferramentas na limpeza da área e na sangria da árvore.

- **Sangre a seringueira duas vezes por semana, no máximo, se fizer corte da metade do tronco, três vezes por semana, no máximo, se fizer cortes de apenas um terço do tronco.**
- **Deixe cada painel (área de corte; bandeira) feito na seringueira em repouso, no mínimo, três anos antes de ser cortado novamente.**
- **Faça cortes na direção inversa à do painel anterior da seringueira, após o repouso mínimo de três anos.**

RECOMENDAÇÕES

- ▶ Use um *kit* para a sangria: tigela de plástico e bica galvanizada, facas de corte (cabrita), peneira, balde de cinco litros, corote (pequeno barril) de 30 litros, saco de napa e estopa para coletar o látex.
- ▶ Utilize **poronga** ou lanterna, terçado, machado, lima, prensa e paneiro ao fazer a limpeza da área.



Poronga

Lanterna feita de alumínio com um aro em forma de círculo para ser fixado na cabeça do seringueiro, tendo um reservatório para o querosene ou outro tipo de combustível inflamável e um pavio de luz para iluminar o caminho no seringal.

O trabalho de mulheres e homens no manejo da seringueira tem a mesma importância. A participação de todos deve ser respeitada e valorizada.

B) QUAIS AS ORIENTAÇÕES TÉCNICAS E OS CUIDADOS ADOTADOS POR VOCÊ E SUA FAMÍLIA NA SANGRIA DA SERINGUEIRA?

Marque com um 'x' as atividades que você e sua família praticam. Acrescente outras, se necessário.

<input type="checkbox"/>	Sangramos a seringueira duas vezes por semana.
<input type="checkbox"/>	Sangramos a seringueira três vezes por semana.
<input type="checkbox"/>	Deixamos cada painel feito na seringueira em repouso, no mínimo, três anos.
<input type="checkbox"/>	Fazemos cortes na direção inversa após o repouso mínimo de três anos.
<input type="checkbox"/>	
<input type="checkbox"/>	
<input type="checkbox"/>	
<input type="checkbox"/>	
<input type="checkbox"/>	
<input type="checkbox"/>	
Observações:	

Anote nas linhas abaixo as ferramentas e os equipamentos de proteção que você e outros(as) coletores(as) usam na sangria da seringueira.

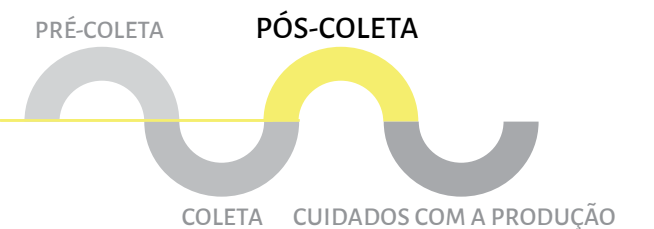
Atividade	Ferramentas	Equipamentos de proteção individual

6. PÓS-COLETA



Depois da extração, é preciso garantir que o látex chegue ao local de beneficiamento com boa qualidade. Esta etapa trata dos cuidados que você deve ter no **pré-beneficiamento** e no **armazenamento** do látex. Quando essa etapa é bem executada, toda a cadeia produtiva se beneficia: o(a) produtor(a) extrativista ganha credibilidade, a cooperativa ou quem beneficia o produto deixa de ter prejuízos e o consumidor final recebe um produto que mantém suas características.

Pré-beneficiamento de látex da seringueira
Produção, transporte e armazenamento dos três tipos de látex: líquido, CVP e FDL



B) PRODUÇÃO, TRANSPORTE E ARMAZENAMENTO DOS TRÊS TIPOS DE LÁTEX: LÍQUIDO, CVP E FDL

No processo de produção destes tipos de látex, é importante usar látex coagulado adequadamente e realizar a prensagem e a secagem de maneira correta para cada tipo de látex.

LÁTEX LÍQUIDO

- Use amônia como anticoagulante para manter a estabilização líquida do látex.
- Coe e coloque o látex em um tambor, no qual deve ser acrescentada a amônia.

CVP

- Utilize caixas de 60 cm de comprimento, 50 cm de largura e 20 cm de altura, com três ripas no fundo e duas ripas na tampa, para facilitar a saída da água e padronizar a prensagem de CVP.
- Coloque o látex diluído para prensar.
- Após a prensagem, lave as pranchas e coloque-as para secar em local sombreado e ventilado por até três dias.
- Monte blocos de pranchas de 7 a 10 quilos e marque para permitir rastreabilidade.

FDL

- Coloque o látex coagulado em bandejas plásticas (cerca de 2 litros por bandeja), retire a espuma e deixe secar.
- Passe o látex coagulado por um cilindro metálico de prensagem (calandra) até formar folhas planas, com espessura de 1,5 a 3 mm.
- Coloque as folhas em varal, sem uso de pregadores, em local sombreado e ventilado durante 6 a 9 dias.
- Coloque as folhas em estrados elevados, como jiraus, na sombra e em local ventilado.
- Vire as folhas duas ou três vezes enquanto secam.

RECOMENDAÇÕES

- ▶ Transporte o látex pré-beneficiado em recipiente limpo para manter a qualidade da produção.
- ▶ Coloque os recipientes de látex em cima de jiraus a mais ou menos 60 cm acima do solo, para evitar contato com areia, terra, barro etc.
- ▶ Armazene o látex produzido em local ventilado e coberto, sem exposição ao sol.

B) COMO VOCÊ E SUA FAMÍLIA FAZEM A PRODUÇÃO, O TRANSPORTE E O ARMAZENAMENTO DOS TRÊS TIPOS DE LÁTEX DA SERINGUEIRA?

Qual o tipo de látex a ser produzido?

() Látex líquido () CVP () FDL

Relacione os coagulantes e/ou anticoagulantes que vocês usam e suas quantidades.

Produto	Quantidade

Marque com um "x" os materiais que vocês usam na produção do látex. Se vocês fazem uso de outros materiais, acrescente na lista abaixo.

	Materiais	Observações
	Coador	
	Medidor	
	Proveta	
	Bandeja plástica	
	Mesa	
	Pá plástica	
	Varal	
	EPIs: luvas, óculos protetor e máscara facial	
	Outros:	

Quanto mais finas forem as pranchas de CVP, melhor para a secagem e menor a chance de formação de bolhas de água, reduzindo o mau cheiro e garantindo a qualidade do produto final.

Use equipamentos de proteção individual na adição e diluição dos produtos químicos: luvas, óculos protetor e máscara facial.

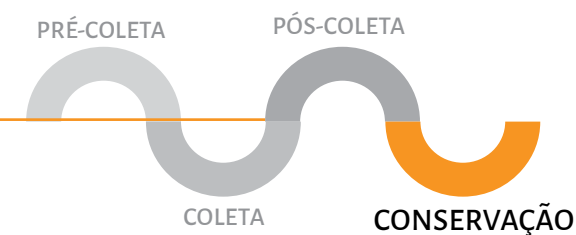
É importante que o látex líquido, CVP ou FDL esteja livre de impurezas para conservar a qualidade da produção.

7. CUIDADOS COM A PRODUÇÃO



O extrativismo sustentável adota boas práticas de manejo que contribuem tanto para a conservação das áreas de ocorrência da seringueira quanto para a melhoria da produção dos seringais. Por isso, é muito importante seguir as orientações e as recomendações de **conservação das áreas de ocorrência** e **monitoramento** da produção do látex.

Conservação das áreas de manejo da seringueira
Monitoramento da produção



Para o controle de pragas e doenças, devem ser seguidas as orientações da Instrução Normativa do MAPA nº 46, de 2011, com as modificações da Instrução Normativa MAPA nº 17, de 2014, que contém o regulamento técnico para os sistemas orgânicos de produção.

Ajude a organizar reuniões para que todos compartilhem informações e experiências de manejo da seringueira.

A) CONSERVAÇÃO DAS ÁREAS DE MANEJO DA SERINGUEIRA

Você, sua família e todos que trabalham no manejo da seringueira devem capinar, roçar, limpar e controlar pragas das áreas de coleta de látex. Esses **tratamentos silviculturais** precisam ser praticados com regularidade para manter a área de coleta em boas condições ambientais e as seringueiras sempre produtivas.

RECOMENDAÇÕES:

- ▶ Verifique se existem pragas, como cupim e broca, e caroço (nó) em excesso.
- ▶ Evite o roçado próximo às estradas de seringais.
- ▶ Realize plantios de seringueiras em roçados antigos, consorciados em agroflorestas com banana e cacau, dentre outras espécies.
- ▶ Faça roçagem dos seringais de maneira a conservar as espécies de importância econômica, como açaí, castanha, copaíba e andiroba.
- ▶ Introduza mudas produtivas e resistentes a pragas, como mal-das-folhas (fungo *Microcyclus ulei*).
- ▶ Não use queimada nas ações de conservação e verifique se está ou não ocorrendo isso nas áreas vizinhas à de manejo.
- ▶ Evite plantio adensado de seringueiras em áreas de terra firme da Amazônia para não favorecer a incidência de mal-das-folhas.
- ▶ Não realize o corte do mesmo painel antes de três anos de descanso.
- ▶ Observe se a profundidade do corte está sendo respeitada.



A) COMO VOCÊ E SUA FAMÍLIA FAZEM A CONSERVAÇÃO DA ÁREA DE MANEJO?

Marque com um 'x' as atividades que você e sua família praticam. Acrescente outras, se necessário.

	Verificamos pragas, como cupim e broca, e caroço (nó) em excesso.
	Evitamos o roçado próximo às estradas de seringais.
	Fazemos plantios de mudas seringueiras.
	Fazemos roçados na área de manejo de maneira a conservar as espécies de importância econômica, como açaí, castanha e copaíba.
	Não usamos queimada nas ações de conservação e verificamos se está ou não ocorrendo isso nas áreas vizinhas.
	Evitamos plantio adensado de seringueiras para não favorecer a incidência de mal-das-folhas.
	Retiramos cipós durante o inventário florestal.
	Mantemos o material vegetal roçado na área para conservar a reciclagem local de matéria orgânica.
	Não fazemos queimadas para a limpeza da área.
	Não realizamos o corte do mesmo painel antes de três anos de descanso.
	Observamos se a profundidade do corte está sendo respeitada
	Realizamos plantios de seringueiras em roçados antigos, consorciados em agroflorestas com banana e cacau, dentre outras espécies.
Observações:	

B) MONITORAMENTO DA PRODUÇÃO

Você deve acompanhar todas as etapas do manejo para garantir a produtividade e a conservação das áreas de coleta. Daí a importância do **monitoramento**, que possibilita avaliar o que está indo bem e o que precisa ser melhorado.

Registre, a cada safra, informações e dados da sua produção desde a coleta até a pós-coleta, como a quantidade de:

- látex (leite) extraído;
- látex líquido produzido ou CVP ou FDL;
- seringueiras nas quais foram feitas coletas;
- seringueiras nas quais não foram feitas coletas.

RECOMENDAÇÃO

- ▶ Use uma ficha para agilizar seu trabalho de monitoramento e organizar o registro das informações.
- ▶ Escolha uma unidades de medida mais adequada para o seu trabalho: latas, quilo, litro ou outra de sua preferência.



B) COMO VOCÊ E SUA FAMÍLIA FAZEM O MONITORAMENTO DA PRODUÇÃO NA SUA ÁREA DE MANEJO?

Use esta ficha para ajudar você a acompanhar todas as atividades do manejo, para garantir a produtividade e a conservação das áreas de coleta.

Preencha as informações sobre sua produção anual, com a quantidade de cada item (litros, quilos ou unidades). Acrescente outras, se necessário.

FICHA DE MONITORAMENTO

Nº de identificação da área de manejo/coleta:	
Coletor(a):	
Safra/ano:	
Data de coleta:	
	Quantidade
Látex (leite) extraído	
Látex líquido produzido (litros)	
CVP produzido (quilos)	
FDL produzido (quilos)	
Seringueiras em que foram feitas coletas (unidades)	
Seringueiras em que não foram feitas coletas (unidades)	
Observações Registre aqui se há mudanças no entorno das áreas de coleta (desmatamento, novos plantios, regeneração natural nas áreas de coleta, aparecimento de novas árvores produtivas, utilização de agrotóxicos etc.).	

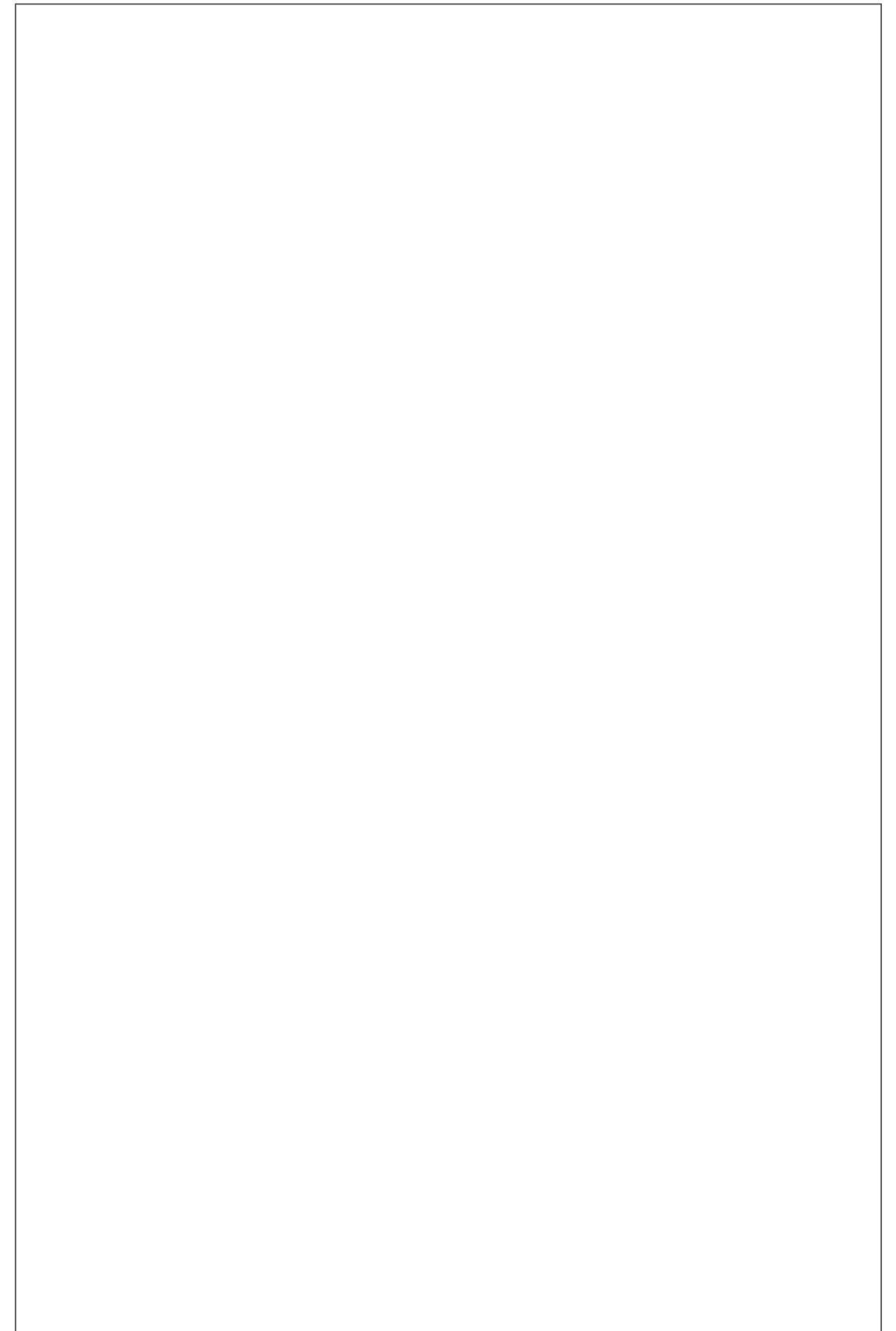
Monitorar a produção significa observar e anotar, ano a ano, tudo o que acontece de importante na área de coleta. O uso da ficha pode ajudar nesse trabalho e na estimativa de produção. O monitoramento não é mais uma regra para criar uma dificuldade para você, e sim uma ferramenta importante a ser adotada para aprimorar suas atividades nas etapas de produção.

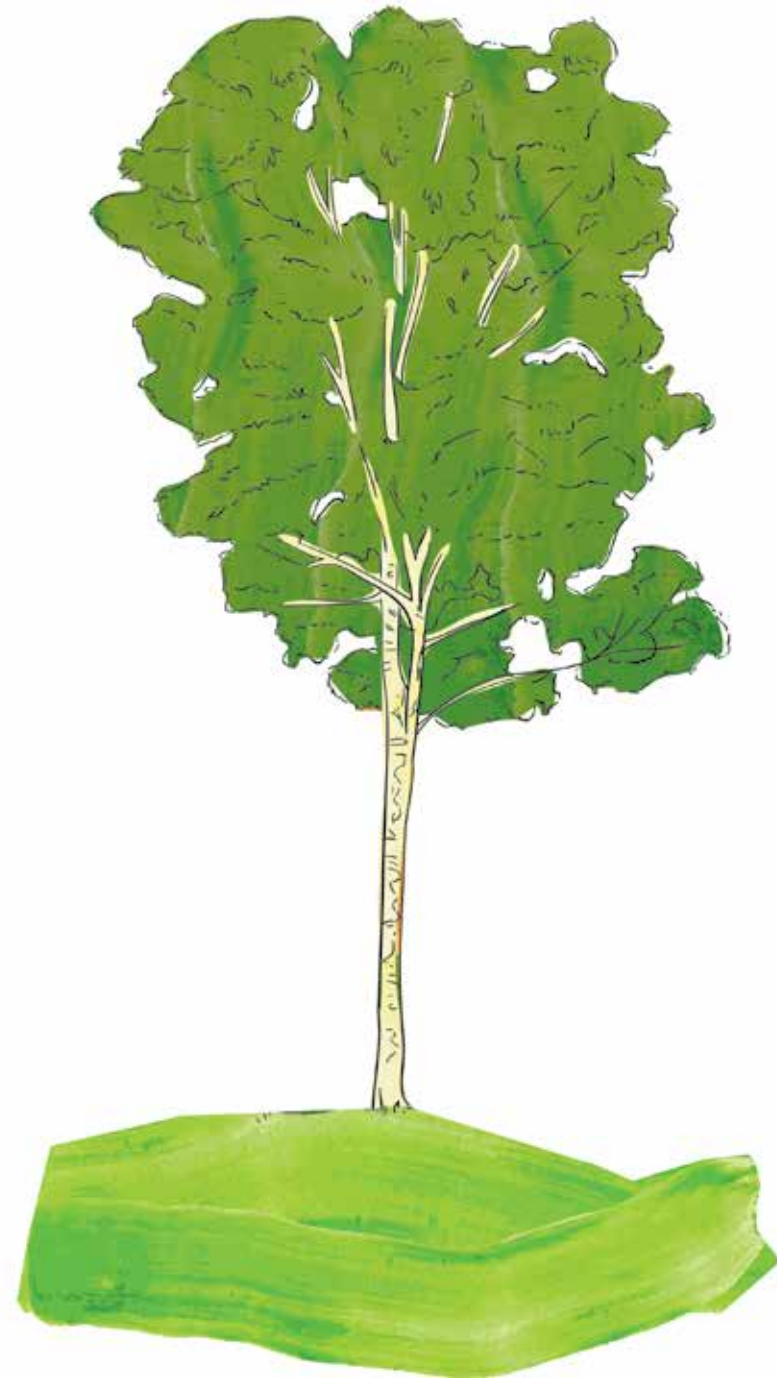
Valorize os saberes da sua família e das pessoas de sua comunidade que também praticam o extrativismo sustentável.

8. MAPA ATUALIZADO DA ÁREA DE MANEJO

Lembra do mapa da sua área de manejo que você fez no início do seu projeto? Que tal agora você refazer esse mapa com todas as novas informações que surgiram durante as etapas do seu projeto extrativista?

Ele pode ser muito útil a você e a sua comunidade para continuar melhorando o trabalho nas etapas de pré-coleta, coleta, pós-coleta e cuidados com a produção.





Nas páginas deste Caderno, você teve espaço para organizar e planejar o seu Projeto Extrativista Sustentável, etapa por etapa. Aqui, você teve a oportunidade de repensar as atividades que realiza todos os dias, adquirindo novas informações e buscando maneiras de fazer sua atividade da melhor forma para você, para as pessoas que consomem seus produtos e para o meio ambiente em que você vive.

Nossa proposta é compartilhar com você boas práticas, para você melhorar a qualidade do seu produto e garantir a continuidade da espécie e das atividades extrativistas. Tudo isso pode resultar em melhor qualidade de vida, valorização das suas atividades e um preço melhor de venda, além do reconhecimento da sua produção como orgânica, se for do seu interesse.

Mas, essas informações não devem parar por aqui. Lembramos que o monitoramento das suas atividades deve ser feito com frequência, assim como a troca de experiências de boas práticas com outros(as) extrativistas, buscando, coletivamente, soluções criativas para problemas que possam surgir no cotidiano extrativista.

Por fim, ficam ainda algumas recomendações:

Atualize-se sobre outras políticas públicas existentes que possam apoiar suas atividades, assim como sobre leis e normas referentes ao manejo da seringueira e de outra(s) espécie(s) com a(s) qual(is) você trabalha.

Prossiga no seu aprendizado e troque experiências sobre as próximas etapas da cadeia produtiva, para agregar mais valor aos seus produtos, melhorar a organização produtiva e diversificar a sua produção.

Desejamos sucesso e boas conquistas.

REFERÊNCIAS

- ALEXIADES, M. N.; SHANLEY, P. *Productos forestales, medios de subsistencia y conservación: estudios de caso sobre sistemas de manejo de productos forestales no maderables*. Vol. 3: America Latina. CIFOR: Bogor, Indonesia, 2004.
- ARAUJO, E. R. *Caracterização de três seringais manejados em terra firme, várzea e terra preta de índio no médio Amazonas*. 2010. 87 f. Dissertação (Mestrado de Agricultura no Trópico Úmido) — Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Manaus, 2010. Disponível em: <http://www.bibliotecaflorestal.ufv.br/bitstream/handle/123456789/8600/Dissertacao_Etelvino%20Rocha%20Ara%C3%BAjo.pdf?sequence=1>. Acesso em: 1 ago. 2015
- BASTOS, T. X.; DINIZ, T. D. A. S. *Microclima ribeirinho: um controle do Microcyclus ulei em seringueira*. Belém: Embrapa-CPATU, 1980. 11 p.
- BRASIL. Ministério da Indústria e do Comércio. *Manual de padronização e comercialização da borracha natural brasileira*. 1985.
- BRASIL. Ministério da Indústria e do Comércio. Superintendência da Borracha. *Manual técnico: produção de folha fumada*. 1987.
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. *Documento base: Oficina de Discussão e Consolidação de Diretrizes Técnicas para Boas Práticas de Manejo da Borracha Nativa (Hevea brasiliensis)*. 2011. 41 p.
- CAMARGO, Â. P. D.; MARIN, F. R.; CAMARGO, M. B. P. D. *Zoneamento climático da heveicultura no Brasil*. Brasília: EMBRAPA, n. 24, p. 1-19, 2003.
- CENTRO DE INTELIGÊNCIA EM FLORESTAS. *Seringueira*. Disponível em: <<http://www.ciflorestas.com.br/texto.php?p=seringueira>>. Acesso em: 9 ago. 2016.
- COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO (CONAB). *Propostas de preços mínimos safra 2013/2014 (produtos da sociobiodiversidade)*. v. III. Disponível em: <http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/13_11_22_15_25_35_pm_sociobio_13_14.pdf>. Acesso: 10 ago. 2015.
- CORDEIRO, I.; SECCO, R. *Hevea*. In: *Lista de espécies da flora do Brasil*. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB22704>>. Acesso em: 29 jun. 2015.
- DEAN, W. *A luta pela borracha no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1989. 296 p.
- GOMES, J. I.; ALBUQUERQUE, J. M. Características botânicas do gênero *Hevea*. In: VIÉGAS, I. D. J. M.; CARVALHO, J. G. D. (Eds.). *Seringueira: nutrição e a adubação no Brasil*. Brasília: Empresa Comunicação para Transferência de Tecnologia, 2000.
- HOMMA, A. K. O. *Extrativismo vegetal na Amazônia: limites e possibilidades*. Brasília: EMBRAPA-SPI, 1989.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Produção da extração vegetal e silvicultura*. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/detalhes.php?id=774>>, 2012. Acesso em: 29 jun. 2015.
- LORENZI, H. *Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil*. Nova Odessa: Plantarum, 2002. v. 1. 118 p.
- MACHADO, F. S. *Manejo não madeireiro de Hevea brasiliensis Muell. Arg. para a produção de folha de defumação líquida (borracha) na RESEX Chico Mendes, Acre: diagnóstico produtivo e lições de aprendizagem comunitária*. Rio Branco: UICN, 2008.
- MARTO, G. B. T. *Hevea brasiliensis (seringueira)*. Atualizado em 2 maio 2007. Disponível em: <<http://www.ipef.br/identificacao/hevea.brasiliensis.asp>> Acesso em: 25 maio 2011.
- MARTO, G. B. T. *Hevea brasiliensis (seringueira)*. Disponível em: <<http://www.ipef.br/identificacao/hevea.brasiliensis.asp>>. Acesso em: 9 ago. 2016.
- MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. *Documento-base – Diretrizes e recomendações técnicas para adoção de boas práticas de manejo da Seringueira (Hevea brasiliensis)*. Brasília: MAPA/ACS, 2012. 33p. (Série: Boas práticas de manejo para o extrativismo sustentável orgânico).
- MODELO digital de exploração florestal. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-produtos-processos-e-servicos/-/produto-servico/1315/modelo-digital-de-exploracao-florestal--modeflora>>. Acesso em: 29 jun. 2016.

PASTORE, F.; PIEROZAN, N. J. Estudo de viabilidade técnica e econômica da industrialização da borracha TECBOR em Manaus, AM. Projeto ITTO PD 31/99 Rev.3 (I). “Produção não madeireira e desenvolvimento sustentável na Amazônia” ITTO/LAQUET/UNB, jun. 2007. (Preliminar). Disponível em: <http://www.itto.int/files/itto_project_db_input/2202/Technical/3.3%20Estudo%20da%20viabilidade%20de%20industrializa%C3%A7%C3%A3o%20da%20borracha%20em%20Manaus.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2015.

PIRES, J. M.; SECCO, R. D. S.; GOMES, J. I. *Taxonomia e fitogeografia das seringueiras (Hevea spp.)*. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2002. 103 p.

POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS. Disponível em: <<https://portalypade.mma.gov.br/>>. Acesso em: 1 nov. 2016.

RUIZ, R. C.; BOBOT, T. E.. *Iisenção de ICMS para produtos florestais não madeireiros*. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas/Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, 2008. 20 p.: il. (Técnica Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, n. 15).

SAMONEK, F. *A borracha vegetal extrativa na Amazônia: um estudo de caso dos novos encauchados de vegetais no estado do Acre*. 2006. 160 f. Dissertação (Mestrado em Ecologia e Manejo dos Recursos Naturais) — Universidade Federal do Acre, Rio Branco. Disponível em: <2006,.http://www.ufac.br/ensino/mestrado/mest_ecologia/dissertacoes/FranciscoSamonek.pdf>. Acesso em: 1 ago. 2015

SILVA, M. G. C.; ARAÚJO, J. R. de; MACHADO, F. S. *Guia prático de controle de qualidade da borracha FDL*. Rio Branco: UICN, 2010.

SILVA, S. A.; HANSEN, D. de S. *Cultura da seringueira*. Disponível em: <www.culturasregionais.ufba.br/aula-Final-cultura-seringueira.doc>. Acesso em: 9 ago. 2016.

TRINDADE, R. L. da; Gorayeb, I. de S. Maruins (Diptera: Ceratopogonidae: Culicoides), após a estação chuvosa, na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Itatupã-Baquiá, Gurupá, Pará, Brasil. *Revista Pan-Amazônica de Saúde*, v. 1, n. 2, p. 121-130, 2010.. Disponível em: <<http://scielo.iec.pa.gov.br/pdf/rpas/v1n2/v1n2a15.pdf>>. Acesso em: 9 ago. 2016.

APOIO



REALIZAÇÃO



MINISTÉRIO DA
**AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO**

MINISTÉRIO DO
MEIO AMBIENTE

